

Curso ensina a *ouvir* o computador

Programa especial permite que deficientes visuais operem o equipamento emitindo sons correspondentes às teclas digitadas

Humberto Rezende
Especial para o **Correio**

Usar um computador com o monitor desligado. Parece impossível. Mas para os 50 portadores de deficiência visual que têm aulas de computação com o professor Dival Porto Lomba, 27 anos, a sensação deve ser parecida com isso. Tanto que nas aulas — na sede da Associação dos Jovens Aprendizes (Aja), organização não-governamental (ONG) que capacita para o mercado de trabalho portadores de deficiências, no Núcleo Bandeirante — Dival, que não é portador de deficiência, mantém seu monitor desligado. Isso para provar aos alunos que é possível trabalhar em um microcomputador sem enxergar.

“No começo, alguns alunos achavam que o professor falava que era fácil só porque ele podia ver”, lembra, achando graça, Leonardo de Moraes Filho, 21 anos, aluno de Dival. “O curso é uma coisa maravilhosa. Desde os 14 anos tinha vontade de aprender a lidar com o computador, mas não tinha a chance”, diz o estudante e funcionário da Fundação Educacional, que perdeu totalmente a visão aos 12 anos por causa de uma doença degenerativa.

Agora é possível Leonardo aprender a manusear a máquina graças ao programa *Virtual Vision* (Visão Virtual), que lê em voz alta a tela que aparece no monitor. No primeiro módulo do curso, concluído mês passado, os alunos aprenderam a usar o processador de texto (que permite digitar e imprimir textos) e a acessar a Internet. Mas com paciência.

A primeira parte durou um mês, com cinco aulas de quatro horas por semana, teóricas e práticas. O professor ensinava tudo utilizando um computador e depois era a vez de os alunos tentarem pôr em prática o que tinham ouvido. A primeira tarefa é aprender a manusear o teclado. Munidos de fones de ouvido, os usuários ouvem um som correspondente à tecla que estão apertando e usam esse recurso até aprender onde estão todas as teclas.

A principal diferença está no fato de que Dival não ensinou os alunos a

usar o *mouse*, acessório que permite ao usuário levar o cursor do computador até as janelas que deseja abrir. Como seus alunos não podem ver se o cursor está na posição correta para acessar algum recurso, tudo é feito por comandos de teclado.

Dominando o teclado e entendendo bem o que a voz metálica do programa está dizendo, os deficientes visuais tornam-se alunos como outro qualquer. “Não senti nenhuma dificuldade. Às vezes eu queria que andássemos mais rápido nas aulas”, conta Leonardo.

DESAFIO

Este não é o primeiro curso que Dival dá para portadores de necessidades especiais. Professor de informática há oito anos, aceitou no fim de 1997 o convite da Aja para elaborar um curso de computação voltado

para deficientes auditivos, físicos e mentais. “Eu vou atrás dos desafios”, diz.

O projeto foi um dos seis agraciados, entre mais de 300 inscritos em todo o país, com o prêmio Paulo Freire, concedido pelo Ministério do Trabalho no ano passado para iniciativas de educação profissional. Dival ganhou uma passagem com estada de uma semana para qualquer cidade do Brasil. Escolheu Fernando de Noronha (PE). Mas antes do merecido descanso, ele passará um dia em Natal (RN) para conhecer um programa que atende portadores de necessidades especiais.

Para o curso com deficientes visuais, Dival precisou de poucas adaptações. O mais complicado foram as duas semanas em que instalou o programa *Virtual Vision* no computador de sua casa e treinava com o monitor desligado. Outra adaptação necessária foi aprender a dar aulas para alunos que não o vêem. Em vez de apontar, tocar no ombro.

Os cursos são gratuitos e financiados pelo Projeto Saber, criado pelo governo do Distrito Federal para apoiar cursos de capacitação para trabalhadores desempregados. Com a mudança de governo, não se sabe se as aulas continuarão sendo financiadas.

Carlos Silva



Leonardo diz que não teve dificuldade e pedia mais pressa no curso: “Desde os 14 anos tinha vontade de lidar com o computador, mas não tinha chance”

“DEPOIS QUE
DESCOBREM QUE SÃO
CAPAZES DE APRENDER E
TRABALHAR, ELES SE
TORNAM MUITO
COMPETITIVOS, GANHAM
AUTO-ESTIMA”

Dival Porto Lomba,
professor de informática

Parceiro de estudos

Preparar-se melhor para o mercado de trabalho. Esse é o principal objetivo dos portadores de necessidades especiais que procuram as oficinas da Aja. Muitas vezes o preconceito e a falta de informação dificultam a vida dessas pessoas, que têm que provar ser tão capazes e competentes quanto os demais para conseguir um emprego.

Foi o que aconteceu com Neuma Pereira, 46 anos, que trabalha com Leonardo e mais uma colega portadora de deficiência visual na Biblioteca em Braille Dorina Nowill — os três, alunos do curso na Aja. A biblioteca, que funciona na Escola Classe 06 de Taguatinga, atende cerca de 50 pessoas, oferecendo obras em braille (sistema de escrita em relevo que permite a leitura por meio do tato).

Nascida em Mossoró (RN), Neuma perdeu a visão quando tinha um ano, também devido a uma doença degenerativa da córnea. Como na pequena cidade não havia quem soubesse sistema braille, Neuma só foi estudar quando veio para Brasília, em 1983, ajudar a irmã a cuidar dos filhos.

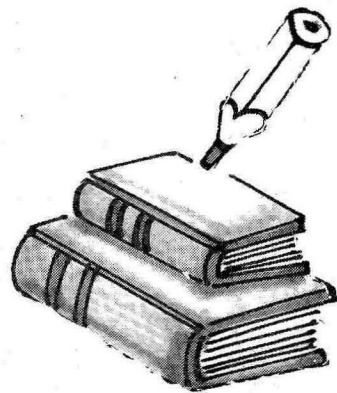
No Centro de Ensino Especial de Deficientes Visuais (CEEDV) aprendeu o método braille. Entusiasmada, conseguiu concluir o ensino fundamental e médio em apenas cinco anos. “Acho que bati um recorde”, diz, orgulhosa. O primeiro emprego veio em 1989, como telefonista do Hospital Regio-

nal da Asa Norte. Há quatro anos fez concurso na Fundação Educacional e tornou-se funcionária da biblioteca.

“Agora estou estudando para o concurso da Câmara dos Deputados. O curso de computador é importantíssimo pois eles cobram noções de informática”, lembra. “Depois que descobrem que são capazes de aprender e trabalhar, eles se tornam muito competitivos, ganham auto-estima”, afirma o professor Dival.

Com os conhecimentos adquiridos no curso da Aja, Leonardo já pode cadastrar todos os livros e clientes da Biblioteca Dorina Nowill. Leonardo também está animado com os conhecimentos adquiridos, porque sabe que o computador será muito importante para seus estudos. Depois de concluir o segundo grau no ano passado, está fazendo vestibular para Relações Internacionais.

O início dos próximos módulos está previsto para o mês que vem. Os alunos deverão aprender o programa *Excell*, que permite elaborar planilhas eletrônicas, e se aprofundar no uso da Internet. Se dependesse da vontade deles, o curso continuaria sem nenhum problema. “Uma hora e meia antes do horário das aulas já havia aluno esperando aqui fora”, diz Adonai, presidente da Aja. “Estou louca para aprender mais”, confirma Neuma.



LIVROS

O Alfabetização Solidária — programa ligado ao projeto do governo Comunidade Solidária — está lançando um livro muito especial: 30 contos escritos por alunos que foram alfabetizados no programa. O tema foi “Como a alfabetização melhorou minha vida”, e os vencedores receberam como prêmio, além de uma quantia simbólica em dinheiro, uma pequena biblioteca.

BRASIL EM HARVARD

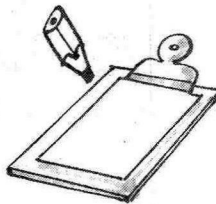
As reformas educacionais brasileiras viraram case de uma tese de doutorado na universidade americana de Harvard. A indicação foi dada aos pesquisadores pelo Banco Mundial, que considerou o Brasil como o país que conseguiu as mudanças mais rápidas nessa área.

INFORMAÇÕES À VISTA

O Instituto Nacional de Pesquisas em Educação (Inep) prepara para esse ano o primeiro Censo da Educação Profissional no Brasil. É o que falta para completar as informações sobre o sistema educacional brasileiro. Hoje não há nenhum tipo de dados sobre ensino técnico. O governo não é capaz de dizer nem mesmo quantos alunos estão matriculados nas escolas técnicas federais.

PROJETO APROVADO

O Projeto Nordeste — programa ligado ao MEC e financiado pelo Banco Mundial para melhorar a educação na região Nordeste — foi considerado pelo Tribunal de Contas da União como o que teve melhor uso do empréstimo internacional. No entanto, o TCU fez críticas. Entre elas, as de que as ações do PN estão desarticuladas e não há instrumentos para medir seus resultados. O Fundescola — segunda parte do programa, que passou a incluir as regiões Norte e Centro-oeste — terá que superar esses problemas.



MUITO ESPORTE

Professores americanos estão preocupados com o rendimento de seus alunos esportistas. Tradicionalmente, alunos muito bons nas quadras não precisam ter notas muito boas para serem aceitos nas universidades. Os treinadores, no entanto, estão deixando na reserva alunos abaixo da média. Mesmo que isso signifique perder uma partida. O motivo é a preocupação com a qualidade da educação nas escolas americanas.

UNIVERSIDADE RICA

A Universidade de Cambridge, uma das mais famosas da Inglaterra, fundada no século XIII, está se tornando também uma das mais ricas. Seu patrimônio — em prédios e investimentos em fundos de ações — está sendo avaliado em US\$ 1,6 bilhões. Cambridge ultrapassou seus eternos rivais, a Universidade de Oxford, a mais antiga do país. Os recursos de Cambridge vem, na sua maior parte, de doações. Uma delas feita pela ex-primeira ministra britânica Margaret Thatcher.

